



Paris

nãO

acaba

nunca

betty milan

Paris

nãõ

acaba

nunca

betty milan

1

A PARIS DE
HEMINGWAY

porque desejasse escrever sobre Paris e não soubesse exatamente o que focalizar, fui à biblioteca do Centro Georges Pompidou ler *Paris é uma festa*, de Ernest Hemingway¹

abri o livro e fiquei sabendo que só foi escrito por causa de um acontecimento de todo inesperado

depois de uma curta viagem à Espanha, em 1957, Hemingway passa por Paris e se hospeda no Hotel Ritz

qual não é a sua surpresa quando os bagagistas lhe entregam duas malas esquecidas no quarto do hotel trinta anos antes

pode isso ser verdade?, deve ele ter se perguntado, como vendo-se certamente com aquela devolução que era uma prova de amor dos parisienses

nas malas estão os cadernos nos quais ele anotava, entre 1921 e 1926, os fatos de sua vida cotidiana, dos anos em que chegou a passar fome em Paris para escrever, quando “a deliciosa Hadley”, sua esposa, o chamava de Tatie

era possível receber os cadernos, nas condições extraordinárias em que isso ocorreu, e esquecê-los numa gaveta?

não, a entrega de notas guardadas durante três décadas era como um imperativo: tome e escreva sobre a cidade onde você aprendeu o ofício de escritor

e Hemingway então começa a escrever sobre a sua Paris, a que também foi a de Joyce, Pound e Fitzgerald, os es-

critores para os quais a literatura não era função da mídia, mas coisa sagrada, para os quais a obra era a condição da existência

bastou ler algumas páginas de *Paris é uma festa* para topar com uma passagem decisiva: “Não esquenta. Você sempre escreveu até agora e vai continuar. Basta uma primeira frase que seja verdadeira”

escrevi a frase *Paris nunca é igual* e percebi que devia focalizar a Paris de quem flana pela cidade e pode, graças à errância, com ela se surpreender

foi esta Paris que, nos anos 20, atraiu Hemingway

foi ela que, nos anos 50, fez Henry Miller cantar a cidade cinza, a dos “cinzas indispensáveis à criação de uma existência plena e harmoniosa”, como diz ele em *Dias tranqüilos em Clichy*², um livro que só pela comparação entre Nova York e Paris já se justificaria: “Broadway é a velocidade, a vertigem, o maravilhamento, e nenhum lugar onde a gente possa se sentar. Montmartre é indolente, preguiçosa, indiferente, meio pobre e sórdida; mais sedutora do que vistosa, ela não cintila à maneira da Broadway, porém luz como a brasa sobre a cinza”

a Paris da surpresa ou da iluminação é a que faz da cor cinza da cidade uma cor que permite ver ou rever todas as outras, leva para um país desconhecido ou para o país da infância e justifica o exílio do criador

só ela leva o exilado a dizer que o seu desterro é voluntário e que, sendo estrangeiro, ele é um privilegiado

ou até a dizer, como no caso de Hemingway, que a fome era uma boa disciplina, porque o fazia ver, como nunca antes, os quadros de Cézanne e entender exatamente como ele os tinha pintado

tendo renunciado ao jornalismo, o autor de *O velho e o mar*³ teve que se contentar, nos anos 20, com uma única refeição diária e aprender até mesmo a evitar as ruas onde havia padaria, quitanda ou restaurante e ele pudesse cair em tentação

mas o que era ter câibras no estômago quando a fome o iluminava? quando perambulava por uma cidade que “sempre vale a pena, porque o sujeito aí sempre recebe algo em troca do que dá”, como diz Hemingway no último capítulo de *Paris é uma festa*

capítulo justamente intitulado “Paris não tem fim”

2

UMA CIDADE
ONDE O
EXÍLIO É
UMA PÁTRIA

a Paris de Hemingway era a de quem se deixava tomar pela cidade

ele se esquecia de si, contemplando o Sena e a vida dos pescadores no rio, vendo o desabrochar da primavera depois de uma noite de vento quente ou olhando as tantas galerias

à semelhança do vagabundo, flanava pelo cais, pelos jardins, pelas ruas; porém, à sua diferença, fazia isso para escrever

o vagabundo não tem ofício; o criador, para exercer o seu, deve saber se perder

o ofício do criador implica a errância, que não é vagabundagem; também requer uma inocência, que não é a da criança, pois se trata de uma inocência conquistada: é a do adulto que olha o mundo com olhos de criança

a Paris de Hemingway tanto era a do errante quanto a do que se torna inocente para ver

ele se deixava iluminar flanando, mas também saía em busca da iluminação que a cidade pode propiciar pelas suas tantas obras de arte

em *Paris é uma festa*, ele conta que todas as tardes atravessava as aléias do Jardim de Luxemburgo para ver os impressionistas no museu e, aí, os quadros de Cézanne lhe ensinavam que não bastava escrever frases simples e verdadeiras para alcançar, na obra, a dimensão buscada

Paris, pela presença da arte, favorece o trabalho do artista

também o favorece pelo fato de outros artistas nela terem estado e, de certa forma, continuarem presentes

Hemingway parece poder surgir a qualquer momento num café da Place Saint-Michel, se sentar e escrever com um lápis num bloco de papel, pedir primeiro um simples café com leite e, depois, quando o texto já estiver se escrevendo sozinho, um rum Saint-James da Martinica, um, dois, três copos, e fazer a moça que está à sua frente, à espera de alguém, entrar no conto e se dizer glorioso: “Eu te vi pequena e, daqui por diante, você me pertence, seja quem for o outro que você estiver esperando e ainda que eu nunca mais te reveja”

Paris também é Hemingway, e são os contemporâneos que, através do seu livro, ele imortalizou na cidade: Ezra Pound, o amigo dos pintores, dos escultores, dos poetas e dos prosadores, “que vivia num ateliê tão pobre quanto era rico o de Gertrude Stein” — a autora de “uma rosa é uma rosa é uma rosa”; Joyce, que, já quase cego, passeava no Boulevard Saint-Germain depois de ir ao cinema para ouvir os atores; Fitzgerald tomando *champagne* no Café Les Deux Magots e fazendo elogios a Hemingway, que, de tão desconcertado, preferia não escutar, só ficar bebendo e olhando para os cabelos loiros e encaracolados do autor de *O grande Gatsby*⁴, para a sua “tão perturbadora boca”

Paris são as obras e os artistas que sobre elas se debruçaram para fazer outras, é uma luz que emana do monumento,

da escultura, do quadro e da letra, mas também do olhar de quem os olha

um passado que propicia o sonho e relativiza o presente quando ele é sombrio e não corresponde à imagem que levou o artista a se radicar na cidade

Paris não acabou, malgrado a inexistência, hoje, de um meio como deve ter sido o de Hemingway ou como foi o dos surrealistas, em que as relações eram tramadas pela obra, e não pelo mercado

Paris ainda pode ser um exílio voluntário equivalente a uma pátria

a pátria parisiense, que não tem governo e ignora as fronteiras, recebe quem nela estiver disposto a flunar, está de braços abertos, à maneira da vitória dourada do Châtelet, um anjo de seios e coxas exuberantes que, segurando uma coroa de louros em cada mão, estende fervorosamente os braços em direção ao Sena

Paris não chama ninguém, mas deixa supor que o faz; desde sempre se deixa cantar

é uma grande dama, não vive sem a trova e o trovador

dama e manancial, ela é uma ilusão sem a qual o Ocidente não existiria e é certamente por isso que, malgrado a ordem de Hitler, não foi explodida pelos alemães na guerra